

Introdução

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.138.0>

Bernhard Sylla, Pedro Martins e Manuel Curado

O presente volume recolhe a maioria dos textos apresentados no XII Simpósio Luso-Galaico de Filosofia, realizado nos dias 29 e 30 de junho de 2023, em Braga, no Auditório da Escola de Artes, Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Esta edição resultou da colaboração do Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, do Centro de Estudos Galegos da mesma universidade, e da Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela.

Os Simpósios Luso-Galaicos de Filosofia iniciaram-se em 1999, portanto, há já um quarto de século. A verdadeira raiz do seu “nascimento” remonta a tempos ainda mais remotos, mais precisamente, aos anos 80 do século passado, como nos informa o Professor Acílio Estanqueiro Rocha na sua palestra de abertura do XII Simpósio, contida neste volume. Foi nessa altura que os caminhos dos filósofos aquém e além do rio Minho se cruzaram e produziram efeitos cada vez mais visíveis. O Professor Acílio Rocha também nos fornece o precioso registo dos temas, lugares e datas dos doze Simpósios até ao momento realizados. Como ainda refere, os Simpósios não eram a única via da colaboração estreita entre filósofos galegos e minhotos, mas foram, sem dúvida, pontos altos dessa colaboração. De facto, não cultivaram apenas a conversa e disputa filosóficas, mas promoveram também o convívio pessoal.

Ao longo das suas sucessivas edições – alternadamente, na Galiza e no Minho – os Simpósios têm proporcionado aos participantes um ambiente propício à partilha e discussão da sua pesquisa filosófica, no quadro de um horizonte plural e amplo, mas ao mesmo tempo enraizado em tradições diversas. Todos os Simpósios foram subordinados a um tema específico, tendo-se alternado entre a escolha de temas mais restritos, como por exemplo a questão da Europa ou da ecologia, e temas mais abertos e abrangentes, como “Desafios do Século XXI”. O tema escolhido para o XII Simpósio, “Identidade e Diferença”, enquadra-se, evidentemente, na última categoria. É um tema que perpassa a Filosofia ao longo da sua história, sobretudo na Metafísica, na Ontologia, bem como na Lógica, na Filosofia da Mente, na Hermenêutica e na Filosofia Política. Mas é um tema que não ocupa só a Filosofia. A reflexão sobre a identidade e a diferença é da maior importância no que concerne à compreensão da relação entre as culturas, as línguas e as literaturas, mormente nas suas intersecções e influências mútuas em regiões vizinhas, como é o caso da “nossa” eurrorregião da Galiza e do Norte de Portugal. É neste sentido que o XII Simpósio Luso-Galaico de

Filosofia abriu as suas portas para um diálogo transdisciplinar, como ficou patente nos textos recolhidos neste volume.

O volume inicia-se com a palestra de abertura do Professor Acílio Estanqueiro Rocha que, amavelmente, aceitou o convite que lhe foi dirigido, e cujo papel determinante para o nascimento e florescimento da série destes simpósios já fora mencionado acima. Em cinco passos tece as suas considerações sobre a circunstância específica desta confraternização filosófica que une o Aquém e Além do rio Minho em vários sentidos – geográficos, políticos, culturais e filosóficos.

Seguem-se dois textos que aprofundam o tema do património comum da cultura, filosofia e literatura galega e portuguesa. Ambos colocam o seu enfoque na filosofia e poesia da saudade, aquém e além das fronteiras geográficas das duas regiões. Luís Soto indaga sobre o teor filosófico da tematização da saudade na literatura de Pondal, argumentando que a saudade que está no coração da poesia de Pondal tem uma natureza ética e política, embora a sua verdadeira raiz seja ontológica. Luís Soto dá-nos conta das intersecções e sintonias, mas também das diferenças das reflexões e do poetar sobre este fenómeno tão peculiar da “alma” luso-galega. Rocío Carolo Tosar, por sua vez, realça um outro aspeto fulcral que não se pode negligenciar quando pensamos o fenómeno da saudade: a sua ligação intrínseca com a paisagem tipicamente galega. É a vinculação entre os mais íntimos sentimentos e a paisagem da sua terra que constrói a identidade do povo galego. Daí deriva, também, a raiz da semelhança entre os galegos e os minhotos. Este sentimento vinculado à paisagem é, no fundo, saudoso, ou seja, traduz uma expressão e manifestação da saudade. Rocío Carolo Tosar mostra a presença forte desta figura de pensamento em grandes autores da literatura galega.

Os próximos dois textos levam-nos para uma cultura diferente da europeia: a cultura e o pensamento japoneses. O cerne temático dos dois textos é a identidade e a sua construção, mas os pontos de vista e as identidades em questão são bem distintos. O texto de Alba Iglesias Varela versa sobre a construção identitária do sujeito no pensamento japonês. Segundo a autora, é no pensamento do filósofo Mishima Yukio que se articula uma viragem importante na consideração do corpo para a construção de identidade do sujeito, revertendo assim o papel pouco importante do corpo no pensamento japonês até ao século XVII. Peculiar no pensamento de Mishima é a conceptualização do corpo nas dimensões de ação e beleza, sendo que a última está ligada à perspectiva do Outro, aparecendo o corpo como objeto estético. O texto de Minako Takahashi, por seu lado, concentra-se na identidade do Japão e da comunidade dos japoneses, dando ênfase ao pensamento do filósofo Motoori Norinaga. De acordo com a teoria deste filósofo, à construção desta identidade nacional subjaz um sentimento profundo, um sentir por todas as coisas do universo, chamado *mono-no-aware*. Este sentir implica e exige uma relação com as divindades *kami*, relação essa que é em si ambígua e ambivalente.

Da viagem espiritual à Galiza e ao Japão voltamos a Portugal e ao seu congénere Brasil. Primeiro, abrimos o espectro do pensamento político numa versão

utópica. Manuel Curado apresenta-nos o pensamento político do diplomata e pensador português Frederico Francisco Stuart de Figanière e Morão, 1.º Visconde de Figanière. Este autor, um cosmopolita do século XIX – nasceu nos Estados Unidos, morreu em Paris, e passou por países tão diferentes como a Rússia, o Brasil e a Inglaterra, entre outros – escolheu o género de romance filosófico como veículo da articulação e divulgação das suas ideias políticas utópicas. O que torna a obra de Figanière interessante é que o projeto utópico do melhoramento das sociedades é construído dialeticamente, por via das figuras romanesecas, das suas argumentações e conversas que confrontam o leitor com perspetivas diferentes, com controvérsias inerentes a posicionamentos estanques, e com os constrangimentos metafísicos da ação humana.

O texto que se segue, da autoria de Pedro Miguel Martins, debruça-se sobre uma questão que não podia ser mais atual. Passado quase meio século desde a aprovação, em sede parlamentar, da Constituição da República Portuguesa (CRP) de 1976, a mesma conheceu sete revisões, estando a decorrer atualmente a sua oitava revisão. A questão que Pedro Martins se propôs examinar é a da identidade e diferença entre as versões sucessivas desta Constituição. Considerando que a primeira versão resultou de uma constelação histórica específica, ou seja, dos desafios políticos do pós-25 de abril, importa questionar hoje se a CRP é ainda a mesma. A análise desta questão não se resume a um exame formal estéril, mas envolve reflexões pertinentes sobre a identidade do atual regime político que está a enfrentar desafios que não se parecem com os que surgiram nos últimos 50 anos.

Os três textos que se seguem propõem um olhar renovado sobre dois problemas tradicionais da reflexão sobre identidade e diferença. Martín González Fernández, partindo das distinções subtis de Duns Escoto entre essência, diferença específica e *haecceitas*, apresenta-nos uma reflexão pertinente sobre a continuidade da análise deste problema na contemporaneidade, mormente na neoescolástica de Xavier Zubiri e nos ecos que este problema encontra na filosofia de Deleuze. José Colen e João Rodrigues, por sua vez, debruçam-se sobre o problema da identidade e diferença do Eu a partir de uma perspetiva que se enquadra na problematologia da Filosofia da Mente. Após uma contextualização das consagradas teorizações de Locke, Reid e Butler, os autores concentram-se na apreciação e reavaliação dos argumentos apresentados no conhecido debate entre Bernard Williams e Thomas Nagel acerca desta questão. Um complemento feliz desta discussão é o texto de Luís Pereira, porque mostra que a questão de identidade ou mesmidade do Eu permite um enquadramento diferente, neste caso o da vasta tradição da investigação hermenêutica. Luís Pereira apresenta-nos uma apreciação crítica do posicionamento do filósofo francês Claude Romano, que contrasta a tradição de pendor analítico, de um Descartes, Locke e Thomas Nagel, com uma outra linha de pensamento, de pendor mais “continental”, que introduz o conceito de ipseidade para dar conta das insuficiências das meras egologias. Herdeiro de Heidegger e Ricoeur, Romano desenvolveu uma análise que pretende destrinçar os momentos que inerem à noção de ipseidade.

Os dois textos que se seguem são um bom exemplo da transversalidade do tema “Identidade e Diferença”. O texto de Benito Arbaizar Gil expõe e sistematiza as críticas de Heidegger e de Lacan a Descartes, como representante de uma filosofia que almeja fundamentar a identidade do Eu e garantir a possibilidade da sua conceptualização inequívoca. Heidegger e Lacan, a partir dos respetivos horizontes ontológicos e psicanalíticos do seu pensamento, concordariam em mostrar o carácter essencialmente fissurado do ser humano, uma fissura que não pode ser suturada, pois é uma ferida que somos e não uma ferida que temos. Assim, conclui o autor, a diferença não pode ser reduzida – ou reconduzida – à identidade. Sonhar com o paraíso da unidade perdida não é apenas um vício nostálgico, mas pode tornar-se um sonho fundamentalista perigoso. Bernhard Sylla, por sua vez, aborda o problema da violência coletiva, onde as construções de identidades coletivas e as percepções daquilo que é diferente desempenham um papel fulcral. O autor defende que se deve abandonar um solipsismo disciplinar para analisar este problema. Dando um primeiro passo, traz à colação importantes contributos do psiquiatra Vamik Volkan e do sociólogo Alex Alvarez para uma aprofundada reflexão sobre o fenómeno da violência coletiva, traçando ainda as vias que ligam estes dois autores à discussão mais propriamente filosófica sobre o assunto.

O penúltimo texto do volume, da autoria de Jorge Mateus, aborda o tema da “Identidade e Diferença” de forma implícita, uma vez que se centra numa questão fundamental: em que medida o melhoramento humano pode resultar numa alteração da identidade humana, questão que levanta obviamente problemas éticos e políticos. Apresentando uma avaliação de aspetos centrais da abordagem desenvolvimentalista do melhoramento humano, Jorge Mateus coloca a questão da admissibilidade das intervenções genéticas e da distribuição do seu acesso, desenvolvendo esta avaliação no quadro de uma teoria de bem-estar radicada num entendimento do ser humano como agente criativo propositivo. Desta maneira, o autor conclui que, ao promover estas intervenções, temos deveres prudenciais e morais. Quanto à distribuição do seu acesso, sustenta que o mesmo deve ser pautado pelo princípio geral que defende que as intervenções genéticas deverão ser legitimadas pelo aumento da capacidade de as pessoas se desenvolverem e de realizarem ao máximo a sua criatividade enquanto agentes dotados de intenções.

O último texto do volume, da autoria do Professor Marcelino Agís Villaverde, catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, reproduz a conferência de encerramento do Simpósio, intitulada “Da Narración á Vida: A Propósito da Identidade Narrativa en Paul Ricoeur”. Na primeira parte do texto, o autor oferece-nos um enquadramento do trabalho filosófico da conceptualização do conceito de identidade, considerando vetores diferentes envolvidos quando se analisa a identidade: desde traços característicos do próprio conceito, até à dimensão das funcionalidades da identidade e dos valores e comportamentos associados à mesma, em termos individuais e coletivos. Esta parte inicial é completada por uma contextualização sucinta das linhas gerais da problematização da identidade na história da Filosofia que proporciona ao leitor o fundamento adequado para entender a importância do contributo de Ricoeur para um aprofundamento da reflexão filosófica sobre a

identidade. Deste grande autor, Marcelino Villaverde analisa um elemento importante do seu pensamento sobre o Si-Mesmo, o da identidade narrativa.

Por fim, uma palavra de agradecimento aos dois Centros de Investigação da nossa Escola, o Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) e o Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS) que apoiaram e patrocinaram o nosso evento, mas também, e sobretudo, ao Centro de Estudos Galegos da Universidade do Minho pelo apoio financeiro e pela participação ativa no nosso Simpósio, na pessoa do seu diretor, Professor Carlos Pazos-Justo, e do docente do CEG, Alberto Paz-Félix. Este apoio não teria sido possível sem o patrocínio da Junta da Galiza. Expressamos também a nossa gratidão à Editora UMinho que acolheu o projeto da publicação deste volume e acompanhou todo o processo da sua publicação.

Organizadores e participantes desta edição e de edições anteriores do Simpósio Luso-Galaico de Filosofia.

À frente, da esquerda para a direita: José Marques Fernandes, Fernando Machado, Martín González Fernández, Benito Arbaizar Gil, Luís G. Soto, Alba Iglesias Varela, Minako Takahashi, Jorge Mateus; atrás, da esquerda para a direita: Luís Pereira, Marcelino Agís Villaverde, Acílio Estanqueiro Rocha, Rocío Carolo Tosar, Manuel Gama, Bernhard Sylla, Pedro Miguel Martins, Manuel Curado.



Acílio Estanqueiro Rocha, Fernando Machado, Bernhard Sylla, Luís G. Soto, Manuel Gama, Manuel Curado, Alba Iglesias Varela, Benito Arbaizar Gil, Rocío Carolo Tosar, Marcelino Agís Villaverde.

